

PARCERIA HUMANITÁRIA E PROFISSIONAL aproxima o Brasil do Haiti

Profissionais haitianos estão sendo preparados para atuar na atenção primária à saúde

Um acordo de cooperação técnica entre Brasil, Cuba e Haiti está possibilitando a formação de profissionais haitianos para atuar na atenção primária à saúde neste país caribenho, o mais pobre das Américas, que foi devastado por um forte terremoto em 12 de janeiro de 2010. Em quatro anos de atividades, já foram titulados mais de 1.500 novos profissionais, entre agentes de saúde comunitários polivalentes, auxiliares de enfermagem e inspetores sanitários.

Da parte brasileira, a gestão é realizada pelo Ministério da Saúde (MS), que celebrou convênios com três instituições de ensino e pesquisa: a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Além disso, o MS atua em parceria com o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). O acordo tripartite deu continuidade à atuação solidária do Brasil com o Haiti nas áreas de segurança e reconstrução da infraestrutura, iniciada logo após o desastre sísmico.

Coube à UFSC, com apoio administrativo da FAPEU, assumir a qualificação dos recursos humanos de nível médio na área da saúde. O Departamento e o Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da instituição já têm um histórico de parcerias bem sucedidas com o governo federal nessa área. A UFRGS contribuiu com a organização da rede de serviços e a Fiocruz, com a atuação nos campos de epidemiologia, imunização,



Da esquerda: Flávia Ramos (coordenadora), Bruna Canever (doutoranda em Enfermagem e consultora do projeto) e Francine Gelbcke (professora Enfermagem/UFSC)

comunicação e informação. Em torno de R\$ 6 milhões foram investidos na formação desses profissionais.

SUS é referência

“Estamos implantando um modelo inspirado na estratégia de saúde da família no Brasil”, diz a gestora operacional do projeto e coordenadora do convênio, professora do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da UFSC, Flávia Regina Ramos. Essa estratégia, adotada pelo Sistema Único de Saúde (SUS), enfatiza a atenção à família no local onde ela vive, valorizando as ações de promoção e proteção da saúde, a prevenção de doenças e a atenção integral às pessoas.

Flávia destaca que a tônica da ação brasileira sempre foi desenvolver um projeto estruturante, isto é, evitar ações paliativas como as que foram realizadas pontualmente por diversos países após o terremoto de 2010. O objetivo é tra-

balhar junto com as autoridades haitianas e a equipe cubana para desenvolver competências locais que ajudem a restaurar o sistema de saúde do país caribenho. “Isso significa fazer junto”, afirma. Cuba tem participação fundamental na parceria, pois atua há muitos anos no Haiti, onde mantém hospitais e profissionais de saúde experientes.

Em maio de 2014, o Brasil inaugurou uma rede hospitalar no entorno de Porto Príncipe, a capital do país. Com investimento de R\$ 25 milhões, ela é composta pelo Hospital Comunitário de Bon Repos, pelo Instituto Haitiano de Reabilitação e pelo Laboratório de Órteses e Próteses. Outros dois hospitais comunitários de referência foram entregues ao final da cooperação, ainda em 2014. Somados, eles podem atender 300 mil pacientes, um apoio significativo para o país de 10 milhões de habitantes, que tem o pior Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do continente.

PROJETO

Formação de Recursos Humanos na Atenção Primária à Saúde - Haiti

Coordenadora: Flávia Regina Souza Ramos
flavia.ramos@ufsc.br
Departamento de Enfermagem/CCS/UFSC



Equipes brasileira e cubana, em encontro com estudantes haitianos em formação na comuna de Carrefour. Presentes a chefe do Departamento de Enfermagem, Maria Itayra Padilha e a coordenadora do Programa de Pós-graduação em Enfermagem, Vânia Backes

Bolsa de estudos

Durante o curso, os alunos recebem do governo brasileiro uma bolsa de estudos para que tenham condições de alimentação e transporte e possam se dedicar integralmente à formação. Quando eles se titulam, continuam recebendo a bolsa por seis a 12 meses, para que tenham tempo de ser inseridos profissionalmente na rede pública. “A formação é feita por haitianos, que são capacitados, supervisionados e acompanhados pela equipe brasileira da UFSC”, explica Flávia.

“A ajuda técnica e financeira do Brasil tem sido fundamental”, disse a enfermeira Guerline Bayas, especializada em saúde comunitária e diretora de uma escola técnica em Porto Príncipe. Em outubro de 2014, ela esteve em Brasília com outros dois profissionais de saúde haitianos para participar de um seminário internacional de avaliação dos quatro anos de atividades do projeto. Os resultados superam as expectativas. Em seguida, o grupo visitou a Escola Técnica de Saúde do Ministério da Saúde em Blumenau, o Centro de Saúde do bairro Saco Grande e o Hospital Universitário da UFSC, em Florianópolis.

“Há um expectativa de continuidade da cooperação, inclusive com solicitação formal do Ministério da Saúde do Haiti para a formação de mais agentes comunitários de saúde polivalentes. Além disso, sabemos que o apoio brasileiro seria fundamental para garantir a sustentabilidade das ações implantadas, mas isso está em discussão no âmbito das relações internacionais entre os países”, afirma Flávia Ramos.



Da esquerda: Guerline Bayas, Marie Marcel Jean Hucar e Naika Desrameaux, enfermeiras haitianas em visita ao Hospital Universitário/UFSC. A primeira é diretora e as outras duas são professoras da Escola Nacional de Formação Técnica em Saúde do Haiti, cuja implantação foi uma das ações do Projeto



Venda de remédios numa das ruas da periferia de Porto Príncipe



A TRIBULADA HISTÓRIA da Pérola das Antilhas

Primera nação independente da América Latina e Caribe, o Haiti tem uma história repleta de guerras de conquista, revoluções libertárias, golpes de estado, crises econômicas e desastres naturais que moldaram uma realidade marcada pela extrema pobreza. O país, junto com a vizinha República Dominicana, se situa na ilha Hispaniola, onde os indígenas Taino viviam pacificamente até 1492, quando entraram em contato com o navegador Cristóvão Colombo. Em 25 anos, quase todos foram aniquilados pelos conquistadores espanhóis.

No início do século XVII, os franceses estabeleceram uma colônia na ilha, onde se desenvolveu uma próspera indústria de cana-de-

açúcar, baseada na devastação ambiental e na importação intensa de escravos africanos, que se tornaram a maioria da população. Depois da Revolução Francesa de 1789, os ideais de igualdade, liberdade e fraternidade propagados pelos iluministas inspiraram diversos movimentos de independência nas Américas. Uma rebelião de escravos e negros livres dizimou os colonizadores, com apoio dos exércitos inglês e espanhol.

A “pérola das Antilhas” – como o país é conhecido por suas belezas naturais – conquistou a independência em 1804, mas passou a sofrer boicotes de outros países e graves conflitos raciais herdados de seu passado colonial. Da segunda metade do século XIX ao início do século XX, 16 dos 20 governantes haitianos foram depostos ou assassinados. No início do século XX o país viveu uma guerra civil e em seguida foi invadido pelos Estados Unidos.

Os haitianos também sofreram com a sangrenta ditadura de François Duvalier, o “Papa Doc”, que governou de 1957 até sua morte em 1971. Seu filho Jean-Claude Duvalier, o “Baby Doc”, o sucedeu no poder até 1986, quando fugiu para o exílio na França. Nos anos seguintes, a situação política continuou

tensa, com um breve período democrático seguido de novas quarteladas e denúncias de corrupção. Em 2004, após mais um golpe de Estado, a Organização das Nações Unidas (ONU) enviou ao país uma tropa de paz com 7 mil militares, liderada pelo Brasil.

As crises econômicas, políticas e humanitárias do país caribenho têm sido agravadas pelos desastres naturais. Entre 1751 e 2010, o Haiti já enfrentou cinco grandes terremotos. O mais grave, em 12 de janeiro de 2010, matou entre 100 mil e 200 mil pessoas, afetou outras 3 milhões e arrasou a já precária infraestrutura local. O país é o mais pobre da América Latina e está na 168ª posição entre os 187 avaliados pelo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) da ONU em 2014.





Bruna Canever (da UFSC, ao centro) com estudantes haitianos



Uma das ruas de Porto Príncipe, capital do Haiti

FOTOS: AGERNO DO PROJETO